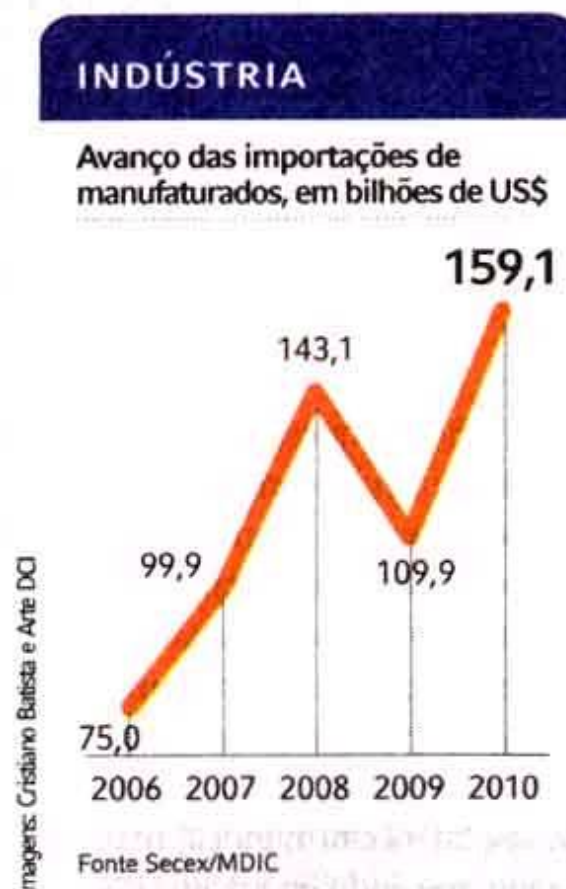


Custos e inovação derrubam a indústria

SÃO PAULO

A indústria brasileira não tem só problemas conjunturais. Questões estruturais podem, sim, fazer com que o setor perca competitividade. Enquanto a China tem uma formação de capital bruto (soma de recursos disponíveis para investimento) em torno de 43% do seu Produto Interno Bruto (PIB), o Brasil só chega a 20%. “E precisa elevar isso a 29% se não quiser ter um atraso ainda maior”, diz o professor do MBA Profuturo da Fundação Instituto de Administração (FIA), Carlos Honorato.

Segundo ele, o País precisa ter uma visão mais estratégica de futuro se quiser continuar competindo. “Claro que não dá para falar que já perdemos a guerra, mas também não dá para continuar pensando que para tudo tem um ‘jeitinho’”, acrescenta. Para o professor da FIA, o País tem um câmbio muito valorizado e custos pe-



sados demais para quem quer produzir. “Não é só a China que consegue ser competitiva, é que o Brasil está mais caro”, diz.

O País empaca também em quesitos fundamentais, como a falta de inovação e de formação

de mão de obra qualificada. “Há uma baixa formação da força de trabalho, com analfabetismo funcional. Além disso, os esforços para reduzir o déficit de pessoal mais qualificado ainda não surtiram os efeitos desejados, em termos do aumento dos níveis de produtividade e qualidade na indústria”, explica o professor de Administração Industrial da Fundação Vanzolini, João Amato.

Recentemente o governo adotou medidas, mas que são facilmente contestáveis na OMC, como o índice de nacional de peças (*local content*), que está proibido pelas regras, segundo o ex-ministro da Fazenda, Rubens Ricupero. “O jeito é enfrentar problemas como o custo do capital, a questão do câmbio e os impostos. Coisas que dão competitividade, não só aliviam.”

ANNA FRANÇA

→ INDÚSTRIA | PÁG. A7

→ SOLUÇÃO

«O jeito é enfrentar problemas como custo do capital, câmbio e impostos. Coisas que dão competitividade, não só aliviam»

RUBENS RICUPERO
EX-MINISTRO DA FAZENDA



Brasil ficou em 53º lugar no ranking da eficiência

Em setembro do ano passado o Fórum Econômico Mundial divulgou o ranking de competitividade global, mostrando que o Brasil havia subido cinco posições. A melhora, no entanto, representa pouco, uma vez que o País passou a ocupar a 53ª posição no levantamento. A lista é liderada pela Suíça, seguida por Cingapura,

Suécia e Finlândia. Os EUA perderam posição pelo terceiro ano, caindo do 4º para o 5º lugar. O relatório aponta que o país se beneficia de um dos maiores mercados internos mundiais (10º). Mas fica bem atrás nos quesitos infraestrutura (104º), desequilíbrios macroeconômicos (115º), má qualidade da educação

(115º), rigidez no mercado de trabalho (121º) e pouco incentivo à competição (132º). Entre as economias emergentes, o Brasil fica atrás apenas da China, que ganhou uma posição no ranking e passou ao 26º lugar, e da África do Sul, na 50ª posição. A Índia perdeu posições e recuou para a 56ª, e a Rússia caiu para a 66ª.

SÃO PAULO

A indústria brasileira não tem apenas problemas conjunturais. Questões estruturais podem sim fazer com que o setor derrape na curva da competitividade. Enquanto a China tem uma formação de capital bruto — que é a soma de recursos disponíveis para investimento — em torno de 43% do seu Produto Interno Bruto (PIB), o Brasil só chega a 20%. “E precisa elevar isso a 29% se não quiser ter um atraso ainda maior”, diz o professor do MBA Profuturo da Fundação Instituto de Administração (FIA), Carlos Honorato.

Segundo ele, o País precisa ter uma visão mais estratégica de futuro se quiser continuar competindo. “Claro que não dá para falar que já perdemos a guerra, mas também não dá para continuar pensando que para tudo tem um ‘jeitinho’”, acrescenta. Para o professor da FIA, o País continua muito focado em produção de commodities, onde realmente tem vantagens comparativas, como solo e clima. Mas por outro lado, tem um câmbio muito valorizado e custos pesados demais para quem quer produzir. “Não é só a China que consegue ser competitiva, o Brasil é que está mais caro”, diz Honorato.

Além disso, o País empaca também em quesitos fundamentais como a falta de inovação e formação de mão de obra qualificada. “Há uma baixa formação da

MANUFATURA Problemas do setor vão além da conjuntura econômica mundial

Questões estruturais ameaçam a competitividade da indústria

Economistas dizem que enquanto o País não resolver questões mais básicas — como o alto custo da produção, a burocracia, a alta carga tributária, o câmbio valorizado e falta de mão

de obra qualificada — o futuro brasileiro do segmento poderá estar comprometido. Mas a vocação industrial e o forte mercado interno ainda podem ajudar a sustentar o setor.

força de trabalho, com analfabetismo funcional. Além disso, os esforços para reduzir o déficit de pessoal mais qualificado ainda não surtiram os efeitos desejados, em termos do aumento dos níveis de produtividade e qualidade na indústria”, explica o professor João Amato, coordenador do curso de Especialização em Administração Industrial da Fundação Vanzolini.

Para ele, neste momento há uma confluência de fatores conjunturais e estruturais nessa situação. “A indústria cresceu em um ritmo muito acelerado em 2011, e deverá crescer a um ritmo menor em 2012. Os estoques de mercadorias estão elevados em muitos segmentos da indústria e a propensão a consumir deve se

retrair”, explica. Por outro lado, segundo ele, há fatores de ordem estrutural que impedem um crescimento mais sustentado da indústria brasileira e que estão entre os principais desafios do Brasil para se tornar competitivo.

O custo de energia, por exemplo, é considerado um dos mais altos do mundo, de acordo com os especialistas. Além disso, há uma dificuldade crucial para os fabricantes, especialmente os menores, na obtenção de crédito a taxas mais favoráveis para investimento e modernização. Isso sem falar na questão tributária e nos encargos trabalhistas.

De acordo com o economista do Iedi, Júlio Gomes de Almeida, o setor industrial vive um processo profundo, motivado pela falta

de infraestrutura do País. “Como se trata de um setor de frente, os problemas aparecem mais plenamente. Ao contrário do setor de serviços, que não sofre concorrência com importações”, diz.

Para todos, o ponto crucial para retomada da competitividade será enfrentar os problemas de infraestrutura urgentemente. Se nada for feito, a situação tende a se tornar mais crítica como já mostram alguns índices. No início do ano, o saldo da balança comercial brasileira ficou negativo em US\$ 105 milhões, resultado de US\$ 3,539 bilhões em exportações e US\$ 3,644 bilhões em importações. No final do ano passado, o real forte levou o Brasil a enfrentar uma das maiores altas das importações entre as principais

economias em oito meses, segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC). Em termos percentuais, a expansão das importações no Brasil superou a da França, dos EUA, do Reino Unido, da Alemanha e do Japão.

“As proteções têm sido pontuais e para atender setores que não são competitivos. O que ajuda no curto prazo, mas não estruturam a longo prazo”, diz Honorato. O acesso ao capital no País, segundo ele, não tem também um horizonte mais longo prazo.

Para o pesquisador do Ibré da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Regis Bonelli, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ao invés de financiar líderes nacionais precisaria chegar mais perto de onde

está a inovação. “O futuro não está escrito com tinta indelével, mas nos últimos anos a indústria brasileira perdeu substância porque não tem capacidade de fazer inovação”, afirma Bonelli, acrescentando que antes o Brasil exportava celulares e hoje os chineses invadiram o mercado.

“Só podemos resolver essas questões com medidas estruturais. Recentemente o governo adotou medidas, mas que são facilmente contestáveis na OMC, como o índice de nacional de peças [local content], que está proibido pelas regras”, afirma o ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero. “O jeito é enfrentar problemas como o custo do capital, a questão do câmbio e os impostos. Coisas que dão competitividade, e não só aliviam.”

ANNA FRANÇA

Publicamos 2.390 reportagens sobre

MANUFATURA

www.dci.com.br

www.panoramabrasil.com.br